

O problema do saneamento

III

A CASA RURAL

E' corrente o grito de guerra — saneamento dos sertões. Mas que é o sertão? Se definirmos-o com a precisa clareza veremos que não foi bem apprehendida a essência do problema.

Sertão é o deserto, a terra apenas pisada pelas sentinelas perdidas do povoamento. Tractos sem fim de territorio, vazios, ao léo, com, de longe em longe—leguas de intermeio — casebres humilimos onde vegetam seres humanos. Sem estradas, sem transporte outro além do lombo do burro ou do boi, sem ligação nenhuma com os centros povoados são reservas de espaço onde o futuro accommodará o extravasamento da população litoranea. Sanear os sertões, sobre inutil é inexecutable. Nem toda a fortuna de Rockefeller bastaria para isso. O problema premente e de solução possível dentro das nossas forças, é o saneamento dos nucleos urbanos. Riqueza predial já criada, centro captador e coordenador de forças, gramma de vida já socializada, saneal-os é valorisal-os, é deter a meio a sua decadencia economica filha da decadencia da saúde, e preparar-os, pelo crescimento rapido, para a acção transbordante que irá multiplicar nos sertões novos nucleos plasmados por aquelle molde. Esta empresa, sim, cabe nas forças do paiz, sobretudo no caso de, pela systematisação da campanha, funcionar em harmonia a força triplíce da União, do Estado e do municipio.

E não se comprehende que seja de outra forma. E' já possível pensar em sertões despovoados quando nos centros urbanos o mal attinge ao apogeu?

No ultimo artigo expuzemos o estado sanitario de Iguape, ressaltando que elle dá a medida do que vos por ahi além em cada uma das nossas cidadezinhas e villas do interior. Antes de curar do creado é obra de fantasia idealista pensar no increado.

Isto não quer dizer que se ponham de banda as zonas rurales já em exploração agricola. Em S. Paulo, graças á orientação segura do dr. Arthur Neiva, já foram lançadas as bases para que a hygiene não constitua um privilegio exclusivo das cidades. Legislou-se no Código Sanitario tambem para as fazendas, sítios e sítios.

Esta parte do Código foi recebida com quatro pedras na mão. A opinião publica, sem preparo preliminar para bem lhe comprehender as intenções remotas, acolheu-a como uma impertinencia insolente. Hoje, melhor informada, é de crer que a encere com menor azedume. O estado de doença, de miseria, de deperecimento do roceiro, só agora posto em relevo pela imprensa, soffrêa coleras e diatribes injustas

grande numero se fecham com achas de embaúba; janelas, ás vezes. E só.

O burro ao seccar-se fendilhou em mil rachaduras por onde se cõa o vento e onde os triatomas fazem ninho seguro.

Essas casas, se é possível dar tal nome á arapuca, custam uma miseria. Empreiteiros ha que as constróem a 2\$000 o palmo, fóra o sapé. Em média têm de comprimento 20 palmos. Com 40\$000 o fazendeiro aloja uma pobre familia! E' natural que gritem, e movam campanha contra o Código Rural, já que lhes dóe na fazenda o ter de construí-las, doravante, telhadas, emboçadas, atijoladas.

O prejuizo delles, entretanto, é apparente. A melhoria do "home" melhorará o operario. Resarcirá o dispendio a maior efficiencia do trabalhador reais bem abrigado. Diminuirão os dias perdidos por doença, por lombeira, por desanimo.

Se S. Paulo tiver bastante grandeza de animo para, respeitando a lei, operar lentamente a reforma do tipo condemnado de casa rural, dentro de alguns annos os nossos campos apresentarão o aspecto dos argentinos e norte-americanos. Esta macula vergonhosa da casa de barro e palha não se vê por lá, e talvez que só se encontre na Africa e em paizinhos atelijados pela cachexia.

Concordamos, é lei difficilissima de bem funcionar. Tem contra si a opposição tremenda do habito inveterado, dos interesses offendidos, dos politicos regionaes, do litterato e até do pintor amigo do pittoresco; todavia, essa lei é talvez a maior conquista feita por S. Paulo nos dominios da hygiene. Dia ha de vir em que reconhecerão isso, fazendo justiça plena aos seus propugnadores.

Os colonos estrangeiros merecem tudo dos governos e fazendeiros. Dão-lhes patronatos e casas boas, de telha e reboco. Entretanto negamol-a ao pobre patricio, decahido em grande parte pelo criminoso abandono em que o deixamos.

E' commodo atacar a extensão da hygiene á zona rural. Sentados numa secretária de imbuia, á luz farta duma lampada, com o telephone ao pé e um charuto na bocca, os argumentos acodem lepídos ao bico da penna, a ironia "ricane" facil, a piada surge feliz e engraçada. Mas o "frondeur" mudará de idéa se se transportar em imaginação para a choça cuja permanencia defende. Lá verá, alumiados pelas brasas do fogão, o pobre homem, chefe da familia, estirado numa flapca de esteira, na terra humida. Ao seu lado a triste mulher decahida e a prole miseravel, seminua, sem cobertas, retransida de frio — crianças a quem o excesso de miseria tirou até o choro, esse protesto natural de organismos debéis. O vento esfueia pelas frinchas, donde saem os percevejos nocturnos para o repasto horrendo de sangue. As anopheleas chlam no ar a sua symphonia de morte.

E' a miseria de um vencido na

de outra forma. E' lá possível pensar em sertões despovoados quando nos centros urbanos o mal attinge ao apogeu?

No ultimo artigo expuzemos o estado sanitario de Iguape, ressaltando que elle dá a medida do que vai por ahí além em cada uma das nossas cidadezinhas e villas do interior. Antes de curar do creado é obra de fantasia idealista pensar no increado.

Ieto não quer dizer que se ponham de banda as zonas ruraes já em exploração agricola. Em S. Paulo, graças á orientação segura do dr. Arthur Neiva, já foram lançadas as bases para que a hygiene não constitua um privilegio exclusivo das cidades. Legislou-se no Código Sanitario tambem para as fazendas, sítios e sítioes.

Esta parte do Código foi recebida com quatro pedras na mão. A opinião publica, sem preparo preliminar para bem lhe comprehender as intenções remotas, acolheu-a como uma impertinencia insolente. Hoje, melhor informada, é de crer que a encare com menor azedume. O estado de doença, de miseria, de depercimento do roceiro, só agora posto em relevo pela imprensa, soffrêa coleras e diatribes injustas contra quem só mira e obra humanitaria de arrancar-os ao paúl.

A casa nos climas frios ou temperados, lá onde o inverno funciona como uma desinfecção annual da terra, impedindo a proliferação de insectos nocivos, vermes e micro-organismos parasitarios, tem por mira principal fornecer ao homem um abrigo contra a intemperie das estações.

Já nos climas quentes, onde não ha o expurgo periodico pelo frio, e a vida inferior é uma perenne bacchanal, a casa, além da sua função de abrigo, ha de ter uma função defensiva contra o excesso da vida invasora.

Prescripções de hygiene desnecessarias lá são indispensaveis aqui.

Hão de ellas, nas regiões malditas, pela berragem das telas de arame, promunirem-se contra a invasão das anophelinas contaminadoras. Na Amazonia, graças á obra de Oswaldo Cruz, já innumeradas casas adoptaram este regimen defensivo.

A "Revista do Brasil", ultimo numero, estampa um estudo de Afranio Peixoto sobre as condições sanitarias do Inferno Verde, illustrado com gravuras de casas novas construidas de accordo com este criterio, e casas velhas nas quaes se adaptou a tela salvadora. Meia campanha estará vencida no dia em que o povo comprehenda a imperiosa necessidade que é a adopção de tal prophylaxia.

Nas regiões victimadas pelo mal de Chagas a casa ha de fugir ao systema corrente de barro e sapé.

A idéa do dr. Neiva de estabelecer aqui as bases legislativas desta transformação, provocou, como era natural, grande celeuma. Entretanto, hoje, quem, com a visão nitida do caso, fóra os directamente interessados, levantar-se-á contra?

A nossa situação relativa ao barbeiro, se não é grave como em Minas e Goyaz, é de molde a provocar sérias apprehensões. Em São Paulo já está authenticada a presença do infernal percevejo em nada menos de 170 localidades! Em 40 destas verificou-se a existencia do tristoma infeccionado! Vê-se que a invasão caminha, o terreno lhe é propicio, e no correr dos annos a zona rural de S. Paulo estará na horripilante situação

cerca disso, fazendo justiça plena aos seus propugnadores.

Os colonos estrangeiros merecem tudo dos governos e fazendeiros. Dão-lhes patronatos e casas boas, de telha e reboco. Entretanto negamol-a ao pobre patricio, decahido em grande parte pelo criminoso abandono em que o deixamos.

E' commodo atacar a extensão da hygiene á zona rural. Sentados numa secretária de imbuia, á luz farta duma lampada, com o telephone ao pé e um charuto na bocca, os argumentos acodem lepidos ao bico da penna, a ironia "ricane" faccil, a piada surge feliz e engraçada. Mas o "frondeur" mudará de idéa se se transportar em imaginação para a choga cuja permanencia defende. Lá verá, alumiaados pelas brasas do fogão, o pobre homem, chefe da familia, estirado nuns fiapos de esteira, na terra humida. Ao seu lado a triste mulher decahida e a prole miseravel, seminua, sem cobertas, retransida de frio — crianças a quem o excesso de miseria tirou até o choro, esse protesto natural de organismos debêis. O vento esfusia pelas frinchas, donde saem os percevejos nocturnos para o repasto horrendo de sangue. As anophelinas chiam no ar a sua symphonia de morte.

E' a miseria de um vencido na concorrência da vida. Nas mesmas terras, adiante, está a casa farta do colono, que prosperou porque tinha mais saude.

A elle, ao patricio, que está doente e imbecillizado, negam tudo, até a tutela higienica.

Esses párias, não obstante, são nossos irmãos. Foram elles que devassaram os sertões, que fizeram a penetração das bandeiras, e inda hoje é com os restos de sua energia que se abrem as regiões novas, pesilencias. Elles é que roçam, rompem assim a impenetrabilidade das selvas, e rasgam picadas, e dão todos os primeiros passos dos vanguardeiros no arranque para a frente.

Aquelles párias trazem um roseario de avós tombados na luta ingloria e obscura. O paé morreu espetado por lasca de jissara em certa derrubada fatal. O avô acabou de febre ao abrir-se a fazenda do coronel X. Um tio rebentou de exhaustão nos trabalhos da Noroeste. Herões desconhecidos, vidas soterradas nos alicerces da nossa civilização — e malditos. Malditos e abandonados ao léo, ao depercimento pela miseria physiologica porque, victimados pelo meio, assaltados de mil parasitos, sugados pelo barbeiro, não puderam defender-se, perderam o equilibrio biologico e hoje não supportam a concorrência do colono forte, chegado de fresco, exigente e protegido.

O maior objector á hygiene rural mudará de idéa se por um instante evocar este quadro — e reflectir que estas energias em decadencia revigorar-se-ão de novo pela tutela humanitaria do higienista. E verá que a transformação do casebre nefasto é uma das pedras angulares da regeneração dessa pobre gente — essa pobre gente que na guerra é quem se bate por nós, e na paz é quem produz a riqueza que nós gosamos.

Monteiro Lobato

Hão de ellas, nas regiões martei-
sas, pela barragem das telas de ara-
me, preunirem-se contra a inva-
zão das anophelinas contaminado-
ras. Na Amazonia, graças á obra
de Oswaldo Cruz, já innumeradas ca-
sas adoptaram este regimen defen-
sivo.

A "Revista do Brasil", ultimo
numero, estampa um estudo de
Afranio Peixoto sobre as condições
sanitarias do Inferno Verde, illus-
trado com gravuras de casas novas
construidas de accordo com este
criterio, e casas velhas nas quaes
se adaptou a tela salvadora. Meia
campanha estará vencida no dia
em que o povo comprehenda a im-
periosa necessidade que é a ado-
pção de tal prophylaxia.

Nas regiões victimadas pelo mal
de Chagas a casa ha de fudir ao sys-
tema corrente de barro e sapé.

A idéa do dr. Neiva de estabe-
lecer aqui as bases legislativas des-
ta transformação, provôca, como
era natural, grande celeuma. En-
tretanto, hoje, quem, com a visão
nitida do caso, fóra os directamen-
te interessados, levantar-se-á con-
tra?

A nossa situação relativa ao
barbeiro, se não é grave como em
Minas e Goyaz, é de molde a pro-
vocar sérias apprehensões. Em São
Paulo já está authenticada a presen-
ça do infernal percevejo em
nada menos de 170 localidades!
Em 40 destas verificou-se a exis-
tencia do triatoma infestacionado!
Vê-se que a invasão caminha, o
terreno lhe é propicio, e no correr
dos annos a zona rural de S. Pau-
lo estará na horrípilante situação
daquellas que Arthur Neiva, Car-
los Chagas, Bellisario Penna e ou-
tros descreveram.

Teremos a papeira endemica, o
cretinismo alostrado e o cortejo de
miserias cardiacas oriundas da
acção letal do tripanosoma Cruzii.

O meio de deter a infecção e
jugular para sempre a calamida-
de, é prevenir. Provado como es-
tá que é no sapé e nas fendas do
barro que se ataparda o hemato-
phago nocturno, sem supprimir es-
ses cantos propicios elle não será
vencido nunca.

Qual a attitudo unica da hygie-
ne num caso destes? Impór nor-
mas á construcção das casas ru-
raes, como as impõe na cidade.

Nós, até aqui, nós moradores
em casas confortaveis, com luz ele-
ctrica, agua e esgotos, regalos in-
ternos de toda ordem, mobiliario
commode, quadros na parede, ta-
petes e mil mimos da civilisa-
ção por dentro, e fóra, na fa-
chada, exhibição estardalhaçante
do estylo, do lombriçoide "art-
nouveau" ao pre-raphaellitismo
colonial, nós achamos naturalissi-
mo que o caboclo viva numa ara-
puca de borôro.

Em nome do pittoresco oppo-
mos á mudanças prejudiciaes á côr
local.

De facto, tem sua graça, de lon-
ge, na paisagem, uma choça de pa-
lha, sobretudo em estado de tapé-
ra. Vejamo-la de perto, porém.
Quatro esteios, paredes de barro-
tes ripados de taquara com entre-
vãos atuchados de barro; tecto de
sapé; chão de terra, esburacado,
desnivelado; portas, ás vezes —

rio de avós tombados na luta in-
gloria e obscura. O pae morreu es-
petado por lasca de jissara em cer-
ta derrubada fatal. O avô acabou
de febre ao abrir-se a fazenda do
coronel X. Um tio rebentou de
exhaustão nos trabalhos da Noroes-
te. Heróes desconhecidos, vidas so-
terradas nos alicerces da nossa civi-
lisação — e malditos. Malditos e
abandonados ao léo, ao depereci-
mento pela miseria physiologica
porque, victimados pelo meio, assal-
tados de mil parasitos, sugados pe-
lo barbeiro, não puderam defender-
se; perderam o equilibrio biologi-
co e hoje não supportam a concor-
rencia do colono forte, chagado de
frasco, exigente e protegido.

O maior objector á hygiene rural
mudarâ de idéa se por um instante
evocar este quadro — e reflectir que
estas energias em decadencia ravi-
gerar-se-ão de novo pela tutela hu-
manitaria do hygienista. E verá
que a transformação do casebre
nefasto é uma das pedras angula-
res da regeneração dessa pobre gen-
te — essa pobre gente que na
guerra é quem se bate por nós, e
na paz é quem produz a riqueza
que nós gosamos.

Monteiro Lobato